

Hacking - estratégia e apogeu das ideias - 03/03/2024

Resume a abordagem da Hacking para o interesse que deveríamos ter na filosofia da linguagem e como ele vê o apogeu das ideias, dentro dessa ótica**[i]**

Recapitulemos o que vimos até aqui. Hacking divide sua obra em três fases: apogeu das ideias, apogeu dos significados e apogeu das sentenças. Destacaremos abaixo sua abordagem para a filosofia da linguagem e o apogeu das ideias.

****A estratégia de Ian Hacking para a filosofia da linguagem**[ii]****.** No primeiro capítulo Hacking explicita sua estratégia de abordagem considerando que a filosofia da linguagem associada ao significado é um ramo específico, recente e então ele se debruça em casos de uso ao longo da história nos quais a filosofia da linguagem se aplica e conversa com as demais áreas da filosofia, como ética, percepção e a natureza da mente humana.

****O discurso mental de Thomas Hobbes**[iii]****.** Nos capítulos de dois a cinco ele trata do apogeu das ideias, começando por Hobbes, que considerava a fala como uma transferência do discurso mental para o verbal. Para ele, a linguagem tinha a tarefa de comunicar pensamentos e nós, erroneamente, tentamos enquadrar Hobbes e os modernos na divisão das teorias do significado proposta por Alston entre ideacional, referencial e comportamental. Hacking aproxima a teoria comportamental de Hobbes a atual teoria intencional de Grice. Nessa abordagem, o falante pretende que o ouvinte infira o significado do que é dito, inserindo-se no campo da comunicação e intenção de comunicar. Mais do que uma teoria do significado, Hobbes tinha uma teoria do pensamento, associado ao discurso mental e às ideias. passando pela ênfase que a elas davam os modernos, muito por conta de um discurso mental, livre de erros.

****As ideias de Port Royal*****[iv]****.** Aqui Hacking tenta elucidar um conceito tão amplo e tão simples: a ideia. Se por um lado, para Locke e Hobbes uma ideia poderia ser uma imagem mental, um objeto da percepção ou mesmo uma emoção, a Lógica, obra de Port Royal, define a ideia como tipo elementar, influenciada pelo cartesianismo que definia a ideia como polo que nos permitiria conhecer o mundo exterior. Ora, conhecemos ideias e só com elas estamos comprometidos, elas medeiam entre o ego e o mundo. Para Descartes, temos uma visão de cada ideia e as escrutinamos para saber aquelas que são claras e as confusas. Embora fale-se da visão, não se trata de imagens, já que podem ser conceitos. Por fim ele define a teoria das ideias dos modernos como

essa classe de objetos que medeiam entre o ego e o mundo, ideias que nos são acessíveis pela visão, mesmo não sendo imagens e que palavras significam ideias, como uma relação causal. Ora, nessa visão, o discurso mental encadeado de ideias é que importava à filosofia.

****As abstrações do Bispo Berkeley**[v]****.** Hacking opõe Berkeley a Locke que, ao compactuar com a filosofia atomista de Boyle, abria caminho para a matéria e o ateísmo. Então, o idealismo de Berkeley postula que a matéria é inerte e vai ao extremo de dizer que tudo o que existe é mental. Mas Hacking dá atenção à relação que sua filosofia idealista tem com a linguagem, no que tange a possibilidade da concepção de ideias abstratas. Se, Berkeley concorda com a teoria das ideias dos modernos ele rejeita o raciocínio dos geômetras que se utiliza de ideias abstratas em demonstrações, por exemplo, no caso de triângulos, de uma ideia universal de triângulo. Hacking cita que para Hobbes não havia uma ideia universal, por exemplo, de chuva, mas alguma ideia de chuva, das que caem por aí. Mas, para Berkeley, cada qual que escrutine suas ideias não acha por objeto uma ideia abstrata, não as vemos. Então, mesmo raciocinando em demonstrações geométricas, usamos uma ideia particular. Ora, é possível “falar”, no discurso público, de uma ideia abstrata, mas quando vamos para o discurso mental não há nada que corresponda a elas. Como, por exemplo, a filosofia corpuscular de Boyle que não passaria de perversão da linguagem, já que não há matéria pois ser é ser percebido.

****Teoria do significado de ninguém**[vi]****.** Esse capítulo fecha o apogeu das ideias e já aborda mais diretamente o significado, que tem Frege como ponto de partida. Conforme capítulos anteriores, não há uma teoria do significado nos modernos, porém eles investigam a função comunicativa da linguagem, que tem base física e biológica e se refere à tradução de ideias em palavras pelo falante e de palavras em ideias pelos ouvintes. E é exatamente por admitir a existência de leis físicas que podemos garantir que essa dupla tradução é possível, já que temos os mesmos mecanismos. Podemos até discordar, mas entendemos a mensagem. Podemos até discordar, mas a fonte de erro é nossa ideia que formamos erradamente. Mas é suficiente que haja “aceitação comum”, que não tem a ver com significação, mas com a possibilidade do uso público. A aceitação comum vai se tornar, em Frege, o sentido (sinn) que é compartilhado e fruto do estoque de conhecimentos transmitidos na história. Nessa transição, o discurso público passa a ter relevância e a ideia passa a ser mera coisa privada associada ao significado.

* * *

[i] Fichamentos de _Por que a linguagem interessa à filosofia?_ São Paulo: Editora Unesp, 1999. Ian Hacking.

[ii] <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/12/a-estrategia-de-ian-hacking-para.html>> (fichamento).

[iii] <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2023/01/o-discurso-mental-de-thomas-hobbes.html>> (fichamento).

[iv] <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/01/as-ideias-de-port-royal.html>> (fichamento).

[v] <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/01/as-abstracoes-do-bispo-berkeley.html>> (fichamento).

[vi] <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/02/teoria-do-significado-de-ninguem.html>> (fichamento).